

A participação ontológica do homem como fundamento metafísico de sua busca natural por Deus

Um estudo a partir da obra Suma Teológica de São Tomás de Aquino

Rafael Soares de Lima¹

Prof. Ms. Frei Fabiano Santos Julião, OSA²

Resumo

Este trabalho investiga a abertura do intelecto humano ao ser na filosofia de Tomás de Aquino, buscando compreender seu fundamento metafísico. Parte-se do pressuposto tomista, de que o ente é o primeiro objeto apreendido pelo intelecto, o que revela sua orientação universal ao ser. A partir disso, formula-se o problema acerca do fundamento dessa abertura e de sua ordenação ao princípio último da realidade. A hipótese defendida é que tal busca do intelecto se encontra enraizada na estrutura ontológica do homem, compreendida em Tomás, a partir da doutrina da participação do ser. Assim, a tendência do intelecto à investigação das causas últimas é interpretada como expressão da participação do ente humano no ser, cujo fundamento último é Deus.

Palavras-chave

Metafísica, ontologia, participação, fundamento do ser.

1. Introdução

A investigação parte de um dado clássico da tradição filosófica: o fato de que o homem possui um desejo natural de conhecer. Já no início da Metafísica (2002, 980^a) Aristóteles afirma que “todos os homens, por natureza, tendem ao saber”. Essa afirmação não se limita a indicar uma curiosidade psicológica, mas expressa uma característica constitutiva da inteligência humana. O intelecto não se satisfaz apenas com percepções imediatas, mas tende a buscar as causas das coisas e a compreender a realidade de maneira cada vez mais universal.

¹Aluno do curso de Filosofia da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e participante do programa de Iniciação Científica da FAPCOM. E-mail: 251747@sou.fapcom.edu.br;

²Professor do curso de Bacharelado em Filosofia da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). Email: fabiano.juliao@fapcom.edu.br

Essa estrutura da inteligência humana revela uma abertura que ultrapassa o conhecimento de entes particulares e se orienta para o ser enquanto tal. Tomás de Aquino afirma que o objeto próprio do intelecto é o ente enquanto ente, isto é, aquilo que é considerado em sua universalidade (ST I v. 1 q. 12, a. 4; v. 2 I q. 79, a. 1-2)³. Desse modo, o intelecto humano não está limitado a um dado particular da realidade, mas possui a capacidade de conhecer o ser em sentido basilar, ainda que de modo limitado. Tal abertura indica que a inteligência humana não apenas apreende os entes, mas tende a investigar o fundamento da realidade, orientando-se, em última instância, ao ser por excelência: Deus.

No contexto da escolástica, especialmente em Tomás de Aquino, essa questão adquire um aprofundamento metafísico decisivo. O autor reconhece que o conhecimento humano não se limita à apreensão de entes singulares, mas possui uma abertura universal ao ser e uma inclinação à investigação de suas causas últimas (ST I v. 1, q. 12, a. 4). Nesse sentido, o dinamismo próprio do intelecto humano não se reduz à consideração abstrata do ser, mas tende a buscar seu princípio e fundamento.

Diante disso, emerge um problema filosófico fundamental: qual é o fundamento metafísico dessa abertura do intelecto humano ao ser e à busca de seu princípio último? Em outras palavras, por que o intelecto humano possui uma tendência natural a buscar o fundamento do ser?

A hipótese que orienta esta pesquisa é que tal abertura manifesta a própria estrutura ontológica do homem. Segundo a metafísica tomista, os entes criados não possuem o ser por essência, mas por participação: somente Deus é o ser subsistente em sentido pleno, enquanto todas as criaturas recebem o ser de modo participado (ST I, v. 2, q. 44, a. 1). O homem, enquanto ente criado, existe em virtude dessa participação e, por isso, sua inteligência encontra-se naturalmente aberta ao ser.

Nesse sentido, a abertura universal do intelecto humano ao ser pode ser compreendida como expressão dessa condição ontológica. A tendência do intelecto a investigar as causas e a buscar o princípio primeiro da realidade não constitui apenas uma característica da atividade

³A abreviação para Suma Teológica de AQUINO, Santo Tomás de (2003), seguido de parte, volume (editorial) questão e artigo.

intelectiva, mas revela a própria relação do homem com o fundamento do ser. Assim, a ordenação do intelecto ao ser pode ser interpretada como manifestação da participação ontológica do homem no ser, cujo fundamento último, na metafísica tomista, é Deus.

A partir desse horizonte, este trabalho tem como objetivo investigar como, em Tomás de Aquino, o intelecto humano se encontra naturalmente ordenado a Deus enquanto fundamento do ser, tomando como base a doutrina da participação ontológica. Para isso, pretende-se: (a) analisar a metafísica do ser em Tomás de Aquino, com ênfase na doutrina da participação; (b) compreender a potência intelectual do homem a partir de sua abertura ao ser; e (c) examinar a relação entre a participação ontológica do ente humano e sua ordenação natural a Deus como causa final.

2. O intelecto humano e sua abertura ao ser

Como base referencial principal para responder a questão do intelecto humano e de sua abertura ao ser, utilizaremos a primeira parte (*Pars Prima*) da *Suma teológica* e precisamente as questões 5, 75, 79 e 85. A questão 5 encontra-se no tratado sobre Deus, onde o principal foco é falar sobre transcendentais, ou seja, sobre a noção de ente e bem. Já as questões 75, 79 e 85 pertencem ao tratado sobre o homem. Nestas questões Tomás analisa especificamente a alma e suas potências. Se fará também uso de comentadores para ajudar na interpretação do que foi exposto.

O ponto de partida para o estudo da busca natural do homem por seu fundamento, no caso da filosofia tomista, Deus, é entender que o ser humano se utiliza de uma capacidade inerente à sua condição que é a de ter um intelecto. Sabendo o homem que é capaz de conhecer, aprenderá a partir dos seus sentidos a natureza material dos entes particulares que se encontram em sua realidade. O conhecimento dos entes particulares é possível porque a racionalidade do homem o faz perceber que esses entes são diferentes de si. O conhecimento humano, porém, não se limita ao sensível, como evidência Tomás ao tratar da substância da alma (ST I, v. 2, q. 75, a. 2), a qual, sendo imaterial há a capacidade de realizar operações que ultrapassam o puramente sensível, como é o caso do conhecimento intelectual.

O Aquinate na Questão 79: “As potências intelectivas” no primeiro artigo pergunta: “O intelecto é potência da alma ou sua essência” (ST I, v. 2, q. 79, a. 1). Tomás defende que o intelecto

seja só potência e não essência da alma, pois, se o intelecto humano é uma potência, ele é passível de atualização para tornar-se em ato o que o é potencialmente, então, de certo modo, o homem não conhece os universais em ato, mas os pode conhecer por meio do exercício intelectual. Diferente de quando olhamos para o Ser (Deus), pois, como dito no mesmo artigo na parte “respondo”: “[...] somente em Deus conhecer é a mesma coisa que seu ser. Portanto, só em Deus o intelecto é sua essência; nas outras criaturas dotadas de intelecto, ele é uma potência do que conhece.” (ST I, v. 2, q. 79, a. 1, p. 442). Assim, é possível concluir que o intelecto humano é potência e não sua essência, diferente de Deus, onde ser e conhecer se coadunam, já que este é ato puro e não pode não conhecer tudo. Esse dado faz com que o homem tenha abertura ao conhecimento e o busque, uma vez que não o tem em plenitude.

Ora, se o intelecto humano não é ato, mas potência, Tomás afirma, que se trata de uma potência passiva, isto é: há coisas que o ser humano não conhece, o que, por exemplo, difere o conhecimento humano daquele dos anjos, pois estes possuem um conhecimento em ato, ou seja, já conhecem a realidade das coisas porque estão próximos do intelecto divino, ainda que sejam diferentes de Deus: o único que possui o conhecimento em ato puro. Padecendo, isto é, passando de potência para ato, o intelecto humano tem por objeto de conhecimento além das realidades sensíveis que os sentidos tocam, o ente em geral, conforme exposto neste mesmo artigo, porque, ao contrário da inteligência angélica, a inteligência humana encontra-se afastada do intelecto divino.

O dado a se ressaltar nesse artigo segundo é que o intelecto humano, sendo potência afastado da inteligência angélica e finito, não pode conhecer o todo em ato, mas potencialmente busca conhecer o ente em geral, isto é, o universal. Portanto essa questão (ST I, v. 2, q. 79) e esses dois artigos (a. 1 e 2) ajudam a fundamentar que o objeto de conhecimento do intelecto humano em potência é o ser das coisas.

De outra forma, essa posição é reafirmada por Tomás de Aquino nos dois primeiros artigos da questão 5 da primeira parte da Suma Teológica (ST I, v. 1, q. 5, a. 1–2). No primeiro artigo, o autor afirma que a razão de bem consiste no fato de que algo seja atrativo, na medida em que é perfeito. Ora, toda perfeição está ligada ao ato, uma vez que o ser é a atualidade de todas as coisas,

como diz o Aquinate. Por isso, algo é bom na medida em que é ente, isto é, na medida em que possui ser.

Esse raciocínio é aprofundado no segundo artigo, no qual Tomás afirma que o ente possui prioridade na ordem do conhecimento, pois é o primeiro a ser apreendido pelo intelecto. Assim, antes de considerar algo como bom, o intelecto o apreende enquanto ente. Desse modo, pode-se concluir que o ente constitui o primeiro objeto do intelecto humano, a partir do qual todos os demais podem ser conhecidos.

Ademais, o intelecto humano, como Tomás apresenta na Questão 85 (ST I, v. 2, q. 85, a. 1), não se encerra nem se limita ao indivíduo, mas ultrapassa-o, realizando conceitos mentais a partir da abstração da forma que existe individualizada em uma matéria. Uma vez que os sentidos se limitam ao que é particular e material, o intelecto humano tem essa capacidade de entender, a partir da abstração, o ente enquanto sensível, chegando a forma comum, o universal, sem estar preso ao que particulariza o ente.

Na construção desta argumentação acerca da abertura da potência intelectual ao ser das coisas, KALINOWSKI (2021, p. 32-33) também destaca que o homem não pode possuir o intelecto em ato, mas sim em potência, para que não se confunda com o único que pode assim o ser, Deus. Além do mais, ele parafraseia o Aquinate ao utilizar a questão 14 da Suma Teológica na parte primeira, artigo 8 no “respondo” para dizer que Deus, por ser o único intelecto em ato, é a causa de toda a ciência, inclusive a humana, cuja potência é orientada ao seu fim: o conhecer.

O autor é ainda mais incisivo ao destacar que Tomás em sua obra “Suma Contra os Gentios”, mostra que a sabedoria pode aproximar-nos e assemelhar-nos a Deus, além de afirmar que o conhecimento intelectual do homem segue um ordenamento: “No seu contemplar e fazer sabiamente o homem pode por meio da inteligência conhecer as essências e as causas das coisas.”. (KALINOWSKI, 2021, p. 33-34) Em outras palavras, utilizando da sua potência intelectual, o homem pode aprender as essências das coisas e com isso, chegar às suas causas, o que é possível relacionar com todo o desenvolvimento deste capítulo, ao traçar que o intelecto não fica preso ao ente particularizado, apreendido pelos sentidos. Ao elevar-se à inteligência o homem é capaz de ultrapassar o ente particular e chegar ao universal, crescendo, assim, o conhecimento de sua causa.

Diante do exposto, é possível concluir que o intelecto humano, por ser potência e não ato, possui uma abertura estrutural ao ser das coisas que não se encerra em nenhum ente particular. Partindo do sensível, ele abstrai o universal e tende às causas primeiras. Contudo, essa abertura exige uma explicação mais profunda: por que o intelecto humano é constituído dessa forma? Por que nunca se satisfaz com o finito? A resposta não pode ser encontrada apenas na análise das potências da alma, mas requer uma investigação de ordem ontológica. É precisamente aqui que a doutrina da participação, tal como desenvolvida por São Tomás de Aquino, oferece o fundamento metafísico necessário: se o intelecto humano está aberto ao ser de maneira irrestrita, é porque o próprio homem não possui o ser por essência, mas o recebe por participação. Esse será o caminho a ser percorrido no capítulo seguinte.

3. A participação ontológica do humano

Como base referencial principal para responder à questão da participação ontológica do humano, utilizaremos a primeira parte (*Pars Prima*) da Suma Teológica, precisamente as questões 3, 44 e 45. A questão 3 encontra-se no tratado sobre Deus, onde Tomás analisa a simplicidade divina, e nela o artigo 4 é de especial relevância por tratar da identidade entre essência e existir em Deus, o que permite compreender, por contraste, a condição das criaturas. Já a questão 44 pertence ao tratado sobre a processão das criaturas a partir de Deus, onde o primeiro artigo demonstra que todo ente que existe por participação é necessariamente causado por aquele que é o ser por essência. Por fim, a questão 45 trata da criação, mostrando que o homem recebe o ser inteiramente de Deus, sem pressupor nada anterior a si. Após a exposição dessas fontes primárias, serão utilizados comentadores para auxiliar na interpretação do que foi exposto.

Tendo exposto no tópico anterior que o homem possui uma potência intelectual aberta ao ser, coloca-se agora a questão importante: o que sustenta ontologicamente essa abertura? Para respondê-la, trabalharemos a noção de participação em Tomás de Aquino, buscando demonstrá-la como o fundamento metafísico pelo qual o homem não se esgota nos entes particulares, mas tende ao ser em sua universalidade, precisamente porque não possui o ser por essência, mas o recebe.

A primeira questão que trabalharemos para explicar a participação é a 3ª (ST I, v. 1, q. 3, a. 4, p. 177) cuja expressão e resumo pode ser entendida a partir desta sentença do Aquinate:

“Logo, Deus é o seu existir, e não apenas sua essência.”. Sendo assim, o dado inicial é entender que essência e existência em Deus correspondem a mesma coisa e isso será desenvolvido logo abaixo.

Assim, entende-se que nos entes que subsistem, ou seja, que possuem existência e essência, estes não sejam a mesma coisa. Para que o ente possua o ato de ser, é necessário que ele exista em algo ou por algo, ou seja, seja causado, já que “coisa alguma é capaz de ser sua causa de existir, se este existir é causado” (p. 177), como dito na mesma questão pelo Aquinate. Então, o que é causado está ligado ou ao princípio de sua essência ou por algo exterior.

Isso conduz Tomás a afirmar que Deus é a causa eficiente de todo ente cujo existir é distinto de sua essência, o que se aplica diretamente ao homem. A essência humana, por si mesma, não contém o existir. Só a entendemos em ato enquanto existindo, o que revela que existência e essência são distintas no homem. O existir, portanto, é o ato que atualiza a essência, e essa distinção real entre os dois princípios torna o homem ontologicamente dependente de uma causa exterior, precisamente porque, diferente de Deus, nele há potencialidade.

Em síntese: se em Deus existir fosse diferente da sua essência, seria causado por outro, o que é contraditório uma vez que este é causa primeira e não depende de ninguém para existir. Ademais, existir é ato da essência, mostrando sua distinção. Novamente, não é possível pensar potencialidade em Deus, já que é puro ato. Seguindo, tudo o que existe tem ser, mas não é o ser, já que o possui por participação, diferente de Deus, como o único ente subsistente por si.

Prosseguindo neste caminho, Santo Tomás trabalhará a necessidade de que toda criatura, todo ente, receba sua existência daquele que a possui por essência. Para isso, será trabalhada a questão 44 (ST I, v. 2, q. 44, a. 1), sobre a processão das criaturas e a participação em Deus como causa primeira.

O Santo na parte “respondo” começa com a seguinte afirmação: “É preciso afirmar que tudo que de qualquer modo exista é feito por Deus.” (p. 38). Este é o ponto de partida, entender que todo ente só pode existir uma vez que se encontra participado e causado em outro. E para isso, é apresentado nesta questão a analogia do ferro que se torna incandescente pelo fogo: não é possível que a incandescência do ferro venha a ser se não for causada por outro. De tal modo

nenhum ente poderia ser caso não fosse dado a existência pela causa primeira e dela participasse para que subsistisse.

Dada essa informação e como já demonstrado na questão 3, Deus é o único ser subsistente por essência. E para isso o ser subsistente só pode ser único, porque este é o ente máximo, como diz Tomás parafraseando Aristóteles em seu segundo livro da Metafísica. Em outras palavras, o ente ao máximo é aquele que possui o ser de modo pleno, não o recebendo de outro e sendo ato puro, ou seja, não depende de nenhum outro.

Agora, quando a lógica da participação é aplicada ao homem, o resultado é o mesmo: este participa de modo mais ou menos perfeito em comparação aos outros entes, uma vez que: “as coisas que se diversificam conforme participam diversamente do ser, sendo mais ou menos perfeitas, sejam causadas por um ente primeiro, absolutamente perfeito.” (p. 38). Desse modo, não é possível ter outra conclusão: tudo que existe é feito por Deus, uma vez que ele é o único subsistente por si e causa primeira dos diversos, o que inclui o homem.

Contudo, se todo ente participa do ser e é causado por Deus, resta compreender de que modo o homem recebe esse ser. É precisamente isso que Tomás responderá ao tratar da criação na questão 45 (ST I, v. 2, q. 45, a. 1), demonstrando que o homem não pressupõe nada anterior a si, mas recebe o ser inteiramente de Deus a partir do nada.

A afirmação inaugural que o Santo utiliza nesta mesma questão é: “Assim, se se considera a emanação de todo ente universal a partir do primeiro princípio, é impossível que algum ente seja pressuposto a esta emanação.” (p. 47). A partir daqui entendemos que a radicalização da dependência ontológica do homem é mais profunda do que uma simples participação. Os entes em geral, e particularmente o homem, não podem pressupor-se a si próprios: sua existência parte de algo denominado “criação”, não geração. Desse modo, ele o é a partir do nada, *ex nihilo*. Sem matéria, substrato e potência anteriores, o ente vem a ser, recebendo a partir do nada o ato de ser.

Quando passamos para os comentadores, Etienne Gilson (2016) em sua obra “o Ser e a Essência”, apresentará no capítulo 3º “o Ser e a Existência” argumentos interpretando a metafísica do ser de São Tomás que corroboram para aprofundar e entender a exposição sobre a participação ontológica.

Nosso comentador introduzirá uma afirmação fundamental:

Há entre eles uma hierarquia da qual o ato de *esse* (ser) marca o ápice. Se ele faltar, não há nada em nenhuma ordem de ser concebível; mas o próprio da ontologia tomista é afirmar que o contrário é igualmente verdadeiro. Pode haver existência real sem que haja matéria, mas não sem que haja uma forma para receber o ato de existir. (GILSON, 2016, p. 140)

Assim, fica claro que nos entes causados, há uma distinção entre essência e ato de ser. E importa destacar que esse dado é real, não se tratando de composições lógicas cuja expressão não se encontra na realidade das coisas, ou seja, fruto da abstração do intelecto. Tal argumentação de Gilson demonstra uma estrutura ontológica necessária para a contingência dos entes: a matéria necessita da forma enquanto ato, a forma necessita de receber sua existência; assim o ser ocupa o topo dessa hierarquia sem a qual não há concretude na realidade.

O comentador (GILSON, 2016), em outro subtópico “Transcendência da existência” continua a destacar que nas criaturas o ser não é concebível sem uma essência e que estes sejam diferentes. Mas seu argumento avança ao adentrar sobre o ser e ato puro e sua simplicidade, destacando que, sendo ilimitado na ordem da existência, também o é na essência, sendo assim, não pode ser determinado essencialmente. Tal pensamento pode ser concluído como exposto no final deste subcapítulo, quando o autor diz, trabalhando o pensamento de Santo Tomás de Aquino, que será preferível evitar dizer que Deus tenha essência, mas que sua essência é o seu ato de existir. Esse raciocínio corrobora com a afirmação de que tudo que é diferente deste ato puro, este ser puro, só pode existir se for por participação.

Em síntese, o percurso deste capítulo demonstrou que a condição ontológica do homem é a de um ser participado: sua essência não contém o existir, seu ser é recebido de outro e sua existência não pressupõe nada anterior a si. Essa dependência ontológica radical, confirmada tanto pelas fontes primárias de Tomás quanto pela interpretação de Gilson, não é um dado acidental, mas constitutivo do que o homem é. É precisamente essa condição que permite compreender o capítulo anterior sob nova luz: se o intelecto humano está aberto ao ser de forma irrestrita, nunca se esgotando nos entes particulares, é porque o próprio homem não possui o ser por essência, mas

o recebe por participação. A abertura do intelecto ao ser é, portanto, a expressão cognitiva de uma dependência ontológica e é essa conexão que o capítulo seguinte buscará demonstrar.

4. A abertura do intelecto como expressão da sua participação no ser

Como base referencial principal para responder à questão da abertura do intelecto como expressão da participação no ser, retornaremos à primeira parte (*Pars Prima*) da Suma Teológica, precisamente à questão 79, artigo 2 (ST I, v. 2, q. 79, a. 2), já trabalhada no segundo capítulo deste artigo, agora relida à luz da doutrina da participação desenvolvida no capítulo anterior. A ela será acrescentada a questão 12, artigo 1 (ST I, v. 1, q. 12, a. 1), pertencente ao tratado sobre o conhecimento de Deus, onde Tomás demonstra que a perfeição última da criatura racional consiste em atingir seu princípio de ser. Por fim, será utilizado o comentador Paulo Faitanin (2005) para auxiliar na interpretação e confirmação do argumento exposto.

Para realizar a síntese dos conteúdos, primeiramente volta-se ao dado trazido pelo segundo capítulo deste trabalho: o intelecto faz o ser humano ser tal como é. Poder inteligir e conhecer as coisas através da razão e do intelecto o faz diferente das outras criaturas porque essa capacidade o leva a ultrapassar as realidades sensíveis e pensar acerca daquilo ao qual toda realidade se constitui, que é o ser. Porém dentre àqueles que são seres intelectuais, o homem é o único que não o possui em ato, mas sim em potência. A demonstração disso se dá na forma progressiva com que ele conhece os outros entes, partindo do sensível ao inteligível, além de não conhecer todas as coisas, diferente dos anjos, que sendo pura forma, tudo integem em ato.

Essa estrutura do intelecto humano é justificada no dado da participação ontológica: o ser humano possuindo essência diferente da existência precisa receber o ser daquele que o tem de forma suprema para que exista na realidade. E se o homem não possui o ser de forma plena, há uma abertura do intelecto para conhece-Lo enquanto pleno.

Santo Tomás, na questão 12, sobre o conhecimento de Deus apresenta o ponto finalíssimo para a discussão: “a perfeição última da criatura racional se encontra naquilo que é para ela o princípio de ser; pois cada coisa é perfeita na medida que atinge o seu princípio” (ST I, v. 1, q. 12, a. 1, p. 258-259). Entende-se assim: o homem ao ver um efeito tem desejo natural de conhecer sua causa. Isso significa que, estruturalmente, o intelecto é voltado à causa primeira. Ademais, se cada

coisa é perfeita na medida que atinge seu princípio, como diz o Santo, o intelecto humano que tem por operação inteligir seus universais buscando sua causa, somente se satisfará ao encontrar Deus, que é o princípio do seu ser.

Isso é demonstrado ao retornarmos às questões sobre a alma, especificamente a questão 79. De forma sintetizada, é importante ressaltar que o intelecto humano está sempre em potência quanto aos outros contingentes e ao ente em geral: sendo uma tábula rasa e utilizando-se dos sentidos para conhecer as coisas, e só depois o intelecto passa a abstrair o universal a partir do ente. Essa forma de conhecer difere-se dos anjos, que, sendo pura forma, não precisam de abstrações para conhecer a essência das coisas, estão “sempre em ato em relação a seus inteligíveis” (ST I, v.2, q. 79, a. 2, p. 445).

Essa mesma questão nos traz o dado essencial no qual justifica-se a forma com o qual essas duas criaturas conhecem: seu grau de participação no ser. Santo Tomás expõe:

Por conseguinte, o intelecto angélico está sempre em ato em relação a seus inteligíveis, devido à proximidade com o intelecto primeiro, que é ato puro, como foi dito. Mas o intelecto humano, o último na ordem dos intelectos e muitíssimo afastado da perfeição do intelecto divino, está em potência em relação aos inteligíveis, e no começo ele é como “uma tábula rasa em que nada está escrito”, segundo diz o Filósofo no livro III da *Alma*. (ST I, v. 2, q. 79, a. 2, p. 445)

O homem, estando afastado do intelecto divino pode ser entendido como participado de forma limitada no Ser. Então não é ato puro nem em sua essência nem em seu intelecto e de forma mais contundente, é o intelecto mais afastado de Deus. Em outras palavras, o homem é partícipe do ser e sendo material, tem seu intelecto como o mais afastado do intelecto divino. Seu intelecto não é limitado de forma arbitrária, mas reflete o grau de participação ontológica. Quanto mais afastado, mais longo é o caminho ao conhecimento.

Reunindo, portanto, o que foi exposto neste capítulo: o intelecto humano está em potência porque o homem é ontologicamente participado de modo limitado no ser; sua essência não contém o existir, recebendo-o de Deus pela criação. Essa condição não é acidental, mas constitutiva do que o homem é. Por isso, o intelecto nunca se esgota nos entes particulares, não porque lhe falte capacidade, mas porque o ser que busca o transcende. E porque recebeu o ser de Deus como efeito

de sua causa, o intelecto está estruturalmente orientado a Ele: a abertura ao ser é, em última instância, uma abertura ao próprio Deus, princípio e fundamento de todo ente.

Para agregar, o comentador Faitanin (2005) em seu artigo acerca da ontologia e a sabedoria em São Tomás reafirma o que buscamos expor: o homem possui um desejo de conhecer que é naturalmente fundamentado no seu ser, que ele denomina “vocação ontológica ao saber”, cujo apetite do intelecto encontra plenamente em Deus sua satisfação.

Aprofundando o comentador, ele informa que o conhecimento é a atividade distintiva do homem: “O seu ser é apresentado pelo seu operar [...]” (FAITANIN, 2005, p. 1) Isso reforça o esforço do trabalho em mostrar que o intelecto é assim por uma constituição ontológica, não acidental. Além do mais, ele destaca que o intelecto é potência e torna-se ato quando pode inteligir, isto é, entender que é o fim da sua ação, ser ato de sua operação: “Podemos resumir dizendo que o conhecimento [intelecção] é o ato da potência de entender [intelecto]” (FAITANIN, 2005, p. 2). Por fim, destaca que o saber, o conhecimento é aquilo ao qual o homem mais busca intimamente, e a esse saber, nosso comentador denomina vocação: “O conteúdo deste saber não é senão aquilo que plena e perfeitamente satisfaz o apetite do intelecto: Deus.” (FAITANIN, 2005, p. 3), finalizando, assim, nosso percurso demonstrativo.

5. Conclusão

A partir do percurso realizado, é possível responder à hipótese que orientou este artigo. O intelecto humano é potência aberta ao ser porque o homem é, ontologicamente, um ser participado: não possui o ser por essência, mas o recebe de Deus pela criação. Seu intelecto, o mais afastado do intelecto divino na ordem dos intelectos, reflete esse grau de participação limitada ao nunca se esgotar nos entes particulares porque o ser que busca o transcende. E porque recebeu o ser de Deus como efeito de sua causa, o intelecto está estruturalmente orientado a Ele como finalidade da busca do intelecto. Essa abertura do intelecto ao ser é uma característica que expressa a condição ontológica do homem: um ser que participa do ser, que o busca, e que somente encontra sua perfeição última ao atingir aquele do qual recebeu a existência.

Nesse sentido, os três objetivos propostos foram alcançados: (a) a metafísica tomista do ser foi analisada a partir da doutrina da participação, demonstrando que os entes criados existem por

dependência ontológica de Deus; (b) a potência intelectual do homem foi compreendida em sua abertura estrutural ao ser, nunca se encerrando nos entes particulares; e (c) a relação entre essa participação ontológica e a ordenação natural do homem a Deus foi examinada, revelando que a busca do intelecto encontra seu fundamento e seu termo no próprio princípio do ser.

Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica de Aristóteles**: volume II: texto grego com tradução ao lado. Organização e comentário de Giovanni Reale; tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

AQUINO, Santo Tomás de. Suma teológica. Tradução, introdução e notas de Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001-2006. v. 1-2

FAITANIN, Paulo. A vocação ontológica à sabedoria em Tomás de Aquino. Aquinate, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-8, 2005. Disponível em: <https://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/a-vocacao-ontologica-a-sabedoria-em-Tomas-de-Aquino.pdf>. Acesso em: 01 de maio de 2026.

GILSON, Etienne. **O ser e a essência**. São Paulo: Paulus, 2016.

KALINOWSKI, Willian. Sobre o intelecto e as virtudes intelectuais especulativas em Santo Tomás de Aquino. 2021. 105 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgfil/files/2022/11/Sobre-o-intelecto-e-as-virtudes-intelectuais-especulativas-em-Santo-Tomas-de-Aquino.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2026.